

A primeira brasileira a jogar no exterior: entrevista com Lúcia Feitosa

The first Brazilian woman to play abroad:
interview with Lúcia Feitosa

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorado em Educação, Unicamp
vilodre@gmail.com

Juliana Ribeiro Cabral¹

Colégio Franciscano Pio XII, São Paulo/SP, Brasil
Licenciada em Educação Física, Universidade Paulista

RESUMO: Entrevista realizada via aplicativo Zoom no dia 20 de maio de 2021. Aborda aspectos da trajetória esportiva de Lúcia Feitosa, a primeira brasileira a se transferir para um clube no exterior. Em 1987, foi contratada para atuar no futebol italiano, trilhando uma carreira sólida e reconhecida naquele país. Pela seleção brasileira, participou do Torneio Experimental da China, o primeiro organizado pela FIFA, no ano de 1988. Lucy Alves, como é conhecida na Itália, atuou em vários clubes até se aposentar dos campos aos 41 anos de idade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mulheres; Gênero; Memória; História Oral.

ABSTRACT: Interview conducted via Zoom on May 20 th, 2021. It addresses aspects of Lúcia Feitosa's trajectory in sports as the first Brazilian woman to join a soccer team abroad. In 1987, she was hired to play in Italy, thus building a solid, distinguished career in that country. In 1988, she played for the Brazilian national team in the China Experimental Tournament, the first organized by FIFA. Lucy Alves, as she is known in Italy, played for multiple clubs until she retired from the fields at the age of 41.

KEYWORDS: Football; Women; Gender; Memory; Oral History.

¹ É ex-capitã da seleção brasileira de futebol, medalhista olímpica em Atenas 2004. Comentarista do Campeonato Paulista de Futebol.

Maria Lúcia Alves Feitosa nasceu na pequena cidade de Triunfo, em Pernambuco, no dia 24 de agosto de 1960. Nona entre dez filhos, sete meninos e três meninas, foi a única na família a se interessar pelo futebol. Aos cinco anos, seus pais decidiram se mudar para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho e de estudos para os filhos, e foi nessa cidade que começou a jogar bola, inicialmente na rua com meninos. Com passagens por equipes como ADMP, Isis Pop, Juventus e Radar, fez história no futebol brasileiro conquistando vários títulos. Em 1987, migrou para a Itália para jogar futebol, abrindo as portas para outras brasileiras que, na década de 1990, atuaram nesse mesmo país. Destaque dentro dos campos, Lúcia integrou a primeira seleção brasileira que disputou o Torneio Experimental da China em 1988. Desde então, nunca mais vestiu a amarelinha nem voltou a jogar no Brasil. Na Itália, onde mora desde que migrou para atuar no Trani 80 BKV, defendeu vários clubes, é reconhecida pelo que fez em campo e por sua atuação como treinadora de equipes de meninos e meninas, função que exerce, juntamente com

o trabalho de massoterapia, desde que se aposentou dos campos em 2001 aos 41 anos de idade. Lúcia recebeu o prêmio “Mulheres na linha de chegada 2021/22” pela sua dedicação e comprometimento com o empoderamento de mulheres e, em 2023, será homenageada na Itália com o lançamento do documentário *Lucy: um destino da pioneira*. Com sua transferência para a Europa, o nome de Lúcia Feitosa praticamente caiu no esquecimento e muitas foram as tentativas de localizá-la. Depois de cinco anos de pesquisas, buscas e contatos, finalmente conseguimos acessar essa pioneira do futebol brasileiro, que na Itália é conhecida como Lucy Alves. Nossa primeira entrevista aconteceu no dia 9 de maio de 2021 e contou também com a participação das ex-jogadoras Leda Maria, Márcia Taffarel e Dilma Mendes, integrantes do Grupo de Pesquisa Mulheres do Futebol. Duas semanas depois, fizemos esta entrevista tendo como foco a sua migração para o futebol italiano. Lúcia sempre nos acolheu com afeto e gentileza e, em dezembro de 2021, tivemos a honra de conhecê-la quando voltou à Granja Comary para receber uma

homenagem da CBF pela participação no Torneio Experimental de 1988. Na ocasião, reencontrou as colegas de seleção e de clubes porque o evento também reuniu as jogadoras que representaram o Brasil no primeiro Campeonato Mundial, em 1991.

* * *



Juliana Cabral, Lúcia Feitosa e Silvana Goellner.
“Encontro de Pioneiras”, Granja Comary, 2021. Acervo: Silvana Goellner.

Silvana Goellner: Lúcia, em primeiro lugar quero agradecer tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista. É uma grande honra, pois há anos estamos procurando por você, a primeira jogadora brasileira a migrar para o exterior. Para iniciar nossa conversa, gostaria que tu falasses sobre tua inserção no futebol.

Lúcia Feitosa: O meu início foi todo aí no Brasil e foi muito difícil. Quando eu tinha cinco anos meu pai se transferiu de Triunfo, em Pernambuco, para São Paulo porque os filhos precisavam estudar. Eu era garotinha quando comecei a jogar futebol com a molecada na rua. Na minha casa éramos em dez filhos e só eu jogava futebol, e minha mãe não gostava que eu jogasse, ela brigava muito comigo, falava que era coisa de homem e me passava o chinelo. Meu pai gostava que eu jogasse, ele sempre me dava apoio, e meus irmãos eram muito orgulhosos porque, no meio da molecada, eu fazia a diferença. Eu sempre gostei de esporte, mas nas minhas veias corria o futebol. Naquele período, era tudo muito difícil, a possibilidade que tinha era você jogar escondido com a molecada na rua e só. Quando eu tinha treze anos, um policial me viu jogando e me

convidou para participar de um time, a ADPM (Associação Desportiva Polícia Militar de São Paulo), onde fiquei por oito anos participando de muitos campeonatos.

Silvana Goellner: Depois desta equipe, em quais times você jogou no Brasil?

Lúcia Feitosa: Eu joguei em mais três times. Quando terminou a ADPM, acho que em 1981, fui para o Isis Pop,² depois para o Clube Atlético Juventus e de lá para o Radar,³ no Rio de Janeiro. No Juventus foi meu salto de qualidade, ali que meu sonho começou a se realizar porque eles estavam investindo em futebol feminino. Fiquei lá uns três anos até ir para o Radar.

Juliana Cabral: Você cita que no Juventus você começa a realizar seu sonho de ser jogadora de futebol. Que memórias você tem dessa época, o que te faz pensar isso?

Lúcia Feitosa: O Juventus era muito organizado, da parte de administração, de torneio, de campeonato, de metodologia de treinamento, não parecia real a coisa, entendeu? Naquela

² Equipe criada em 1982 por Newton Ribeiro, proprietário das casas “Relax for Men Brût” que, com o intuito de disputar o Campeonato Paulista.

época, a organização era 100%, o Juventus era o time mais organizado em São Paulo. Isso dentro da minha cabeça parecia um sonho, eu me beliscava: “Meu Deus, eu estou sonhando!”. E não, era verdade, tanto que eu fiquei lá três ou quatro anos. Eu fui embora porque eu fui jogar no Rio de Janeiro.

Juliana Cabral: Como foi essa transferência?

Lúcia Feitosa: Em 1984, a gente fez um torneio em São Caetano do Sul e foi aí que o Eurico Lira me viu e me chamou para ir para o Rio de Janeiro. Ele fazia muitas excursões para fora do país, era uma pessoa que tinha as melhores jogadoras e foi assim que ele me levou para lá. Sempre em tratativa com o Juventus porque eu também tinha uma palavra com o Juventus, eu não podia tomar a decisão sozinha, então, teve a questão de conversar com eles e foi assim que eu me transferi para o Rio de Janeiro.

Juliana Cabral: Nessa época, você assinou algum acordo ou eram apenas verbais?

³ Esporte Clube Radar.

Lúcia Feitosa: Isso, naquele período não tinha contrato, não tinha nada. Era na palavra.

Silvana Goellner: Foi pelo Radar que você chegou à seleção?

Lúcia Feitosa: Sim. Em 1983, eu fiz o último campeonato pelo Juventus, onde eu jogava futebol e futebol de salão, e quando me transferi para o Rio de Janeiro foi um pouco difícil me adaptar porque o Radar era um time muito famoso, todas queriam jogar lá. Quando eu cheguei, pensei: “Eu tenho que ver isso porque se o Eurico Lira me chamou é porque eu tenho capacidade de estar nesse time”. Então eu me senti orgulhosa porque o presidente veio falar comigo, ele me quis, eu estava dentro do esquema dele, dentro dos valores que ele queria para o clube dele. Naquele período, a base da seleção brasileira era o Radar, então foi por aí que fui convocada.

Silvana Goellner: E como surgiu o convite para jogar na Itália?

⁴ Em 1986, o Radar excursionou 22 dias pela Europa e representou o Brasil no Mundialito de Jesolo. Logo depois, participou de outro torneio, dessa vez como clube, conquistando o título de campeão do IV Mundialito de Clubes Campeões de Futebol Feminino, realizado na cidade de

Lúcia Feitosa: A gente veio fazer uns torneios⁴ aqui na Itália que tinham clubes e seleções. Era seleção brasileira entre aspas porque era o Radar, não era a seleção, mas eles pegavam a gente como a seleção brasileira. Tinha a China e o Japão e tinha alguns clubes da Itália, como o Trani 80 BKV, que me viu no Mundialito em que fui eleita a segunda melhor jogadora. Eu perdi para uma japonesa, a menina era fera, era ponta-direita e jogava pra caramba. Aí o dirigente do Trani entrou em contato com o Eurico e eles conversaram entre federações, eu nem sabia de nada. Eu fiquei sabendo depois, quando o Eurico me falou que um clube da Itália queria me levar pra lá. Eu tomei um susto, parecia que não era verdade, era um sonho, eu falei: “Não é possível, tá acontecendo mesmo? É comigo? Sou eu?”. Eles queriam eu e a Marcinha,⁵ mas ela não veio. Eu falei: “Tudo bem, eu vou. Eu quero ver o que essa Europa é melhor que o Brasil”. Foi então que surgiu o primeiro contrato que eu assinei como jogadora.

Tortora, na Itália, com uma vitória sobre a equipe do Bayern de Munique. Lúcia foi uma das artilheiras da competição, somando cinco gols.

⁵ Márcia Honório, com quem jogou no Juventus.

Juliana Cabral: Você lembra o ano que assinou o contrato?

Lúcia Feitosa: Foi em 1987. Eu queria vir, eu queria me confrontar com uma outra realidade, entendeu? E vou falar para vocês que não foi fácil, tudo muito difícil. Quando eu comuniquei a minha mãe que eu que queria vir pra cá, ela teve até um suspiro dizendo: “Você vai para um lugar que ninguém lhe conhece”. Eu disse: “É por isso que eu quero ir, eu quero ter conhecimento, eu quero me confrontar realmente com outra realidade, porque aqui no Brasil eu já ganhei tudo. Não tenho mais nada para ganhar aqui. O Brasil inteiro me conhece”. Foi quando ela falou: “Está bom. Você vai, vê direitinho e se não der certo, você volta”.

Juliana Cabral: Esse contato que foi feito com o Eurico, você sabe se ele ganhou algum dinheiro em cima do seu contrato?

Lúcia Feitosa: Isso eu não sei dizer não. Eu acho que sim, conhecendo o Eurico, eu acho que ele ganhou dinheiro sim. Ele não fazia as coisas sem ter um retorno. Quando eu cheguei aqui já tinha um contrato feito. Fizeram da Federação do Rio de Janeiro com a Federação Italiana dos Clubes entre o Trani e o

Radar, mas por que isso? Porque o Eurico Lira foi esperto, ele me tutelou no contrato entendeu? Ele foi tão justo que ele fez esse contrato para mim, para não perder, entendeu? Porque... Como é que foi? Foi um desafio que eu fiz ao sair do Brasil, porque eu estava, eu ganhava no Brasil. Eu nunca joguei de graça. Então, para mim, sair do Brasil nos anos oitenta para vir para a Europa e não ter uma segurança, ele falou: “Vamos tutelar isso!”. Ele me tutelou e eu não sei se ele ganhou alguma coisa. Se ele ganhou alguma coisa, tudo bem, mas ele me tutelou, entendeu? Eu vim tranquilamente sem nenhum problema porque eu tinha já uma base se não desse certo. Eu não perdi nada e, graças a Deus, deu tudo certo, e de consequência são trinta e três anos que eu estou aqui.

Juliana Cabral: Você inicia a jogar no Trani. Quais foram os primeiros desafios que você enfrentou na Itália?

Lúcia Feitosa: Foi muito difícil porque eu vim para uma cidade pequenininha. Eu morava no Rio de Janeiro, em Copacabana, cheio de balada e tudo mais e vir para Itália e ficar num lugar onde tem pouquíssimas pessoas na rua às oito da noite... Eu

estava morrendo, eu pensava: “Meu Deus do céu, onde que eu estou?”. Não foi nada fácil a minha adaptação, mas eu tive sorte de encontrar uma brasileira, a Júlia, casada com um italiano, numa cidadezinha pequenininha e ela me deu uma mão gigante porque depois de três meses eu queria voltar para o Brasil. Eu queria ir embora. Tudo foi difícil no início, a alimentação, o clima, eu chorava, eu não conseguia interagir com as pessoas, não sabia falar italiano, mas na minha cabeça, eu dizia: “Jesus, eu vim para a Itália é porque eles me quiseram, se eles me quiseram eu também tenho condições de resolver esse fato”. Eles me pagaram um curso de três meses, rápido e conhecendo essa brasileira, foi mais fácil conseguir me adaptar com o italiano, aprender os verbos, a gramática. A Júlia me ajudou muito e comecei a me adaptar melhor, eu podia ir na casa dela conversar, falar em português as coisas que eu não sabia. Eu não aguentava a alimentação, faltava meu arroz e feijão, minha farofa, meus torresmos... Era macarrão, macarrão e eu estava ficando doida. Eu tive também muito apoio de uma jogadora, a Antonella Carta, que é uma referência no futebol italiano, jogou

na seleção. Morei com ela quando fui para a Sardenha, ela também que me deu uma mão, me ajudou muitíssimo.



Lúcia Feitosa e Antonella Carta, 1987.
Acervo Lúcia Feitosa.

Silvana Goellner: Então você sai do Trani e vai jogar em que clube?

Lúcia Feitosa: Eu joguei em muitos times aqui. É difícil lembrar agora de todos. Pelo Trani, disputei campeonatos até 1988 e daí me mudei para Nápoles, onde joguei em times como o Napoli, o Turrís, o Caserta FC e o Pozzuoli, sempre disputando a série principal. Em 1994, fui convidada para atuar na Sardenha, onde moro até hoje, para jogar no Flumini di Quartu que queria subir da série C para a série B do Campeonato Italiano. Conseguimos, e eu vestia a camisa 10. Ainda joguei no Delfino Cagliari, no ASD Carbonia e no Sant'Anna Arresi, e foi quando decidi parar.

Silvana Goellner: Quando e como foi essa decisão, Lúcia?

Lúcia Feitosa: Eu parei de jogar em 2001 quando eu tinha 41 anos. Eu comecei a fazer cursos, já que eu tinha que dar um rumo na minha vida, tinha que ver o que eu ia fazer, aí foi quando eu decidi fazer cursos para ser treinadora. Hoje eu sou uma treinadora federada aqui, trabalho com as crianças e também com massoterapia.

Juliana Cabral: Antes de falar sobre tua vida depois de deixar de jogar nos campos, gostaria de saber como você se descreveria como jogadora.

Lúcia Feitosa: Eu me descrevo uma jogadora tecnicamente fortíssima, ambidestra, jogo na esquerda e na direita. Uma jogadora que não é veloz, mas que joga com inteligência, que joga de testa, de cabeça, que gosta de dar drible, que respeita as adversárias. Na minha carreira eu nunca diminuí nenhum time, eu tenho um caráter muito forte... Se eu vejo que uma jogadora está fazendo uma coisa, eu já estou dando em cima, entendeu? Sou uma jogadora de caráter pesado. Quando jogava, eu era terrível, eu queria o melhor de cada jogadora ou de cada companheira. Me descrevo uma jogadora completa porque, tecnicamente, jogava de direita e esquerda, bola parada, cobrança de falta, de escanteio. E eu fiz muito gol aqui na Itália, muito gol de escanteio, muito gol olímpico. Praticamente a única coisa que me faltou foi a velocidade. Eu me comparava com o Zico.

Juliana Cabral: Por que essa comparação?

Lúcia Feitosa: Eu tinha o mesmo sistema de jogo que ele, eu era habilidosa, usava o lado direito e o esquerdo, a cabeça. Eu era um pouco lenta, mas surgia uma falta e eu fazia o gol. Como é que eu posso falar pra você... O meu modo de ser jogando, eu gostava mesmo era de dar a última passagem para a jogadora fazer gol e isso era uma coisa que eu era muito forte. No drible também, eu era tecnicamente muito forte, ninguém me batia, não, tanto é que quando eu cheguei aqui na Europa eu arrebentei foi na técnica, ninguém me segurava, era muito difícil me segurar. Ou me pegava nos braços ou me tirava a camisa ou me tirava o short, mas não roubava a bola de mim não, eu era muito forte.

Silvana Goellner: Lúcia, conta para a gente como você se tornou massoterapeuta.

Lúcia Feitosa: Quando eu jogava, eu gostava muito de fazer massagem antes de começar o jogo e depois de terminar. Eu sempre fazia massagem, gostava muito e foi aí que eu comecei a me apaixonar e a me interessar. Um dia uma amiga que fazia massagens em mim no time que eu jogava me chamou para

fazer cursos e despertou uma paixão. Eu trabalho há vinte anos como massoterapeuta em um resort de luxo, o Forte Village, localizado na costa do Mar Mediterrâneo, onde vem só gente rica, artistas, pessoas com muito dinheiro.

Juliana Cabral: E com o futebol, como é teu trabalho?

Lúcia Feitosa: Eu nunca deixei o futebol. Hoje sou treinadora da equipe de mulheres de futebol de 5 da Associação Arzachena, mas já atuei no futebol com meninos e no futsal com meninas.

Juliana Cabral: Você não quis se envolver no futebol profissional de mulheres?

Lúcia Feitosa: Não. Aqui na Itália é muito difícil qualquer jogadora entrar para o profissional. Não tem, a Federação é muito machista e é muito difícil entrar no esquema do profissional. Eles não investem no futebol feminino. O custo de um campeonato aqui de série A é de um milhão de euros e os clubes não querem investir. Mas a gente vai caminhando e eu estou numa luta porque quero criar uma escolinha de meninas porque tem muita garotinha que quer jogar. Mas o problema

maior sabe qual é? O preconceito dos pais é muito alto, eles não aceitam que uma menininha vá jogar com os meninos. Então, tudo é muito difícil.

Juliana Cabral: Lúcia, vamos voltar um pouco no tempo. Em 1988, aconteceu o Torneio Experimental da China, o primeiro organizado pela FIFA. Você já estava jogando na Itália e foi convocada para integrar a nossa seleção. Como foi essa convocação?



Crachá de participação no Torneio Experimental da China, 1988.
Acervo: Lúcia Feitosa.

Lúcia Feitosa: Eu já estava aqui quando me ligaram avisando da minha convocação. Então, fui para Teresópolis, para a Granja Comary, para os treinamentos, onde ficamos uns dez dias, eu acho. Quando eu cheguei lá, foi a maior emoção, porque voltar ao Brasil jogando no exterior... As meninas tiveram uma receptividade que eu não esperava, sabe? Eu tinha medo de que tivesse alguma inveja por eu estar jogando na Europa, mas não teve nenhuma. Acho que este foi o momento que eu realmente vi que tinha amizade do grupo, que íamos fazer uma competição sem inveja, sem ciúmes, e isso foi uma coisa que elas demonstraram para mim e que eu guardei no meu coração porque elas me receberam como se eu tivesse lá há muito tempo. Eu fiquei ainda mais maravilhada porque pra mim era uma coisa nova, sabe? Mesmo jogando na Europa, o meu país é sempre meu país e ali foi um ponto de encontro onde estavam as melhores. Isso foi fonte de orgulho pra mim. A gente só pensava em representar bem o Brasil. Não interessava se jogava na Itália, o importante é que aquele grupo era muito unido, ninguém quebrava a gente não, porque a gente tinha objetivos e muitos

sonhos pra realizar, entendeu? Eu acho que até isso também dava muita força para o nosso grupo.



Lúcia Feitosa, Torneio Experimental da China, 1988.
Acervo Lúcia Feitosa.

Juliana Cabral: Conte um pouco sobre esse Torneio. Alguma lembrança?

Lúcia Feitosa: Tudo parecia profissional, os campos eram lotados, para ir para os jogos a gente pegava o ônibus oficial e tinha polícia na frente, polícia atrás, era coisa de sonho, coisa inacreditável. Não parecia que era verdade, que aquilo estava acontecendo. A gente saía na rua e as pessoas vinham pegar autógrafa. Quando a gente fazia um drible sentia uma agitação no estádio. Era uma coisa maravilhosa e isso me marcou. Por quê? Porque a jogadora brasileira é muito técnica. E eu me lembro quando a gente jogou com a China, elas eram muito velozes. Elas corriam e para pegar aquelas mulheres a gente tinha que morrer para correr atrás. Mas nós tínhamos técnica, e acho que eles nunca tinham visto mulher fazer o que a gente fazia. Eu acho que eles ficaram impressionados com o jogo brasileiro, com a ginga. Toda vez que a gente fazia alguma coisa, assim, de excepcional a torcida amava. Enfim, essa é minha memória, e quando eu volto atrás falo que meu sonho estava realizado, eu estava em um Mundial defendendo as minhas cores do Brasil e não tinha coisa melhor no mundo do que estar ali naquele momento e de fazer parte daquele grupo. Foi uma coisa muito emocionante mesmo.

Juliana Cabral: O sucesso deste Torneio fez com que, em 1991, a FIFA organizasse a primeira edição da Copa do Mundo. Você estava jogando muito nessa época. Por que você não disputou este Mundial?

Lúcia Feitosa: Eu fui convocada para a seleção brasileira, mas eu não pude ir porque o clube daqui tinha concomitância com os jogos e não me liberou para participar. Eles pagavam, sabe, e aqui quando se paga é assim!

Juliana Cabral: Você não estava lesionada?

Lúcia Feitosa: Não. Até hoje eu não tive nenhuma lesão, única coisa que eu não tenho são as cartilagens nos joelhos.

Silvana Goellner: Esta foi tua última convocação para a seleção brasileira?

Lúcia Feitosa: Sim. Eu perdi contato com todo mundo, não sei o que aconteceu, mas fiquei um pouco triste porque eu queria continuar o meu percurso que foi aqui na Europa e no Brasil. Não sei o que aconteceu, não chegou mais convocação, não chegou mais nada pra mim.

Silvana Goellner: E como você se sentiu com isso? Você guarda mágoas?

Lúcia Feitosa: Tenho muita tristeza, porque eu estou aqui na Europa, mas eu sou brasileira e tinha tanto para dar ainda para a seleção. Eu fui praticamente cancelada e fiquei muito desiludida. Mas tudo bem, eles quiseram assim e assim foi. O importante que saibam é que a Lúcia foi uma pioneira, que a Lúcia participou do primeiro Torneio Mundial e isso é uma coisa de orgulho pra mim e pro Brasil.

Silvana Goellner: Lúcia, alguma vez você se manifestou contra algum desses dirigentes, reclamou algum direito, fez alguma coisa que eles poderiam achar que não era cabível de uma jogadora?

Lúcia Feitosa: Não. A única coisa que eu falava muito era dos preconceitos que tinha contra a mulher jogar futebol. Isso eu falava mesmo, eu não aceitava essa história, mas briga de discussão com dirigentes ou gente da CBF eu nunca tive. Eu tinha um respeito e aceitava as decisões, mesmo não sendo justas e tinham situações que não eram justas para mim. Até

hoje eu me pergunto por que eu não fui mais convocada. Qual foi o motivo da minha não convocação.

Juliana Cabral: E você, com todo o reconhecimento que tinha na Itália, não pensou em se naturalizar para jogar na seleção de lá?

Lúcia Feitosa: Deus me livre! Mas que pergunta é essa? Meu Deus do céu. Você está biruta? Não, não e não. Não mesmo, eu nunca na minha vida eu ia trair o meu Brasil por isso. Nunca!

Juliana Cabral: Lúcia, para encerrar nossa entrevista, gostaria de saber se você espera algum reconhecimento do seu país em relação ao que você fez no futebol. Você é uma pioneira que abriu portas para outras mulheres que sonharam em jogar futebol. O que você espera em relação a isso?

Lúcia Feitosa: Reconhecimento do sacrifício que a gente fez no passado, reconhecimento de ter uma homenagem, de deixarem falar o que a gente fez no passado porque se o futebol feminino é isso que tem hoje, é graças a nós, a nossa geração que abriu as portas para tudo isso que tem agora e, infelizmente, as pessoas nem sabem que existimos.



Lúcia Feitosa, “Encontro de Pioneiras”, Granja Comary, 2021.
Foto: Thais Magalhães/CBF.

Juliana Cabral: Lúcia, eu gostaria, mais uma vez, de agradecer sua disponibilidade em conversar com a gente. Fiquei muito feliz em conhecer sua história pessoal e como jogadora, gostaria muito de agradecer toda sua luta e coragem. A sua geração possibilitou que as gerações seguintes pudessem sonhar em ser jogadora de futebol e fazer disso sua profissão. Não tive a oportunidade de te ver jogar, mas pelo que as pioneiras contam e pelo seu relato, você foi craque de bola.

* * *

Recebido em: 13 jun. 2023.
Aprovado em: 18 jun. 2023.